

Manaus, quarta-feira, 28 de julho de 1999

a critica CIDADES 17

CORTE DE VERBAS

Índios agonizam sem tratamento

NA CASA DO ÍNDIO, QUE FICA NA AM-010, MUITOS PACIENTES RECLAMAM DE DESCASO. DIZEM QUE SAEM DA ALDEIA EM BUSCA DA CURA, SE CANSAM DE ESPERAR PELO ATENDIMENTO E ACABAM PIORANDO

ANA CÉLIA OSSAME

Índios das etnias ticuna, piratapua, deni e mura, instalados na Casa do Índio, localizada no quilômetro 30 da estrada AM-010 (Manaus-Itacoatiara) para receber tratamento médico, reclamam das dificuldades de permanência no local. Embora desconheçam o corte de verbas no orçamento da Fundação Nacional do Índio (Funai), eles sentem na pele os efeitos da redução das verbas. "Tenho que esperar muitos meses por uma consulta", disse o índio piratapua Emílio Araújo, 75, que tem problemas de hérnia e de próstata.

Emílio está há dois meses e cinco dias na Casa do Índio, onde diz faltar remédio e assistência. Ele só resolveu vir a Manaus para buscar tratamento depois de tentar uma pajelança, na arte de curar indígena. "Tomei chás e águas de paus da mata, mas não resolveu nada", afirmou ele, revelando tristeza por estar longe dos parentes.

Outra vítima de doença na próstata é o ticuna Jacinto da Cruz, 54, que lembra da dor sofrida ao tomar injeção. Ele também reclama por estar há mais de dois meses instalado na Casa do Índio e não ver progresso. "Não tomo

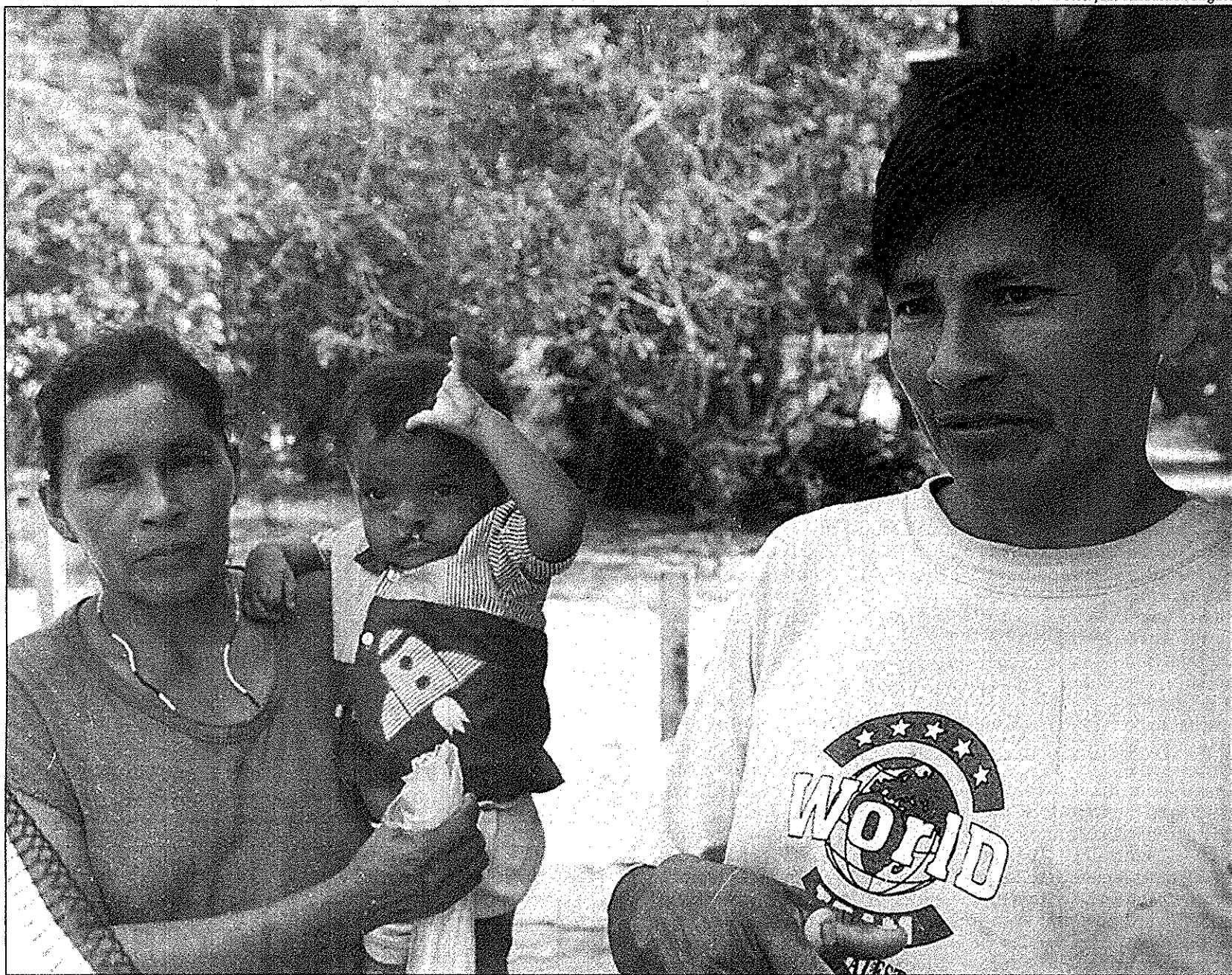
remédio e não sei o que vão fazer comigo", reclamou.

IMPACIÊNCIA

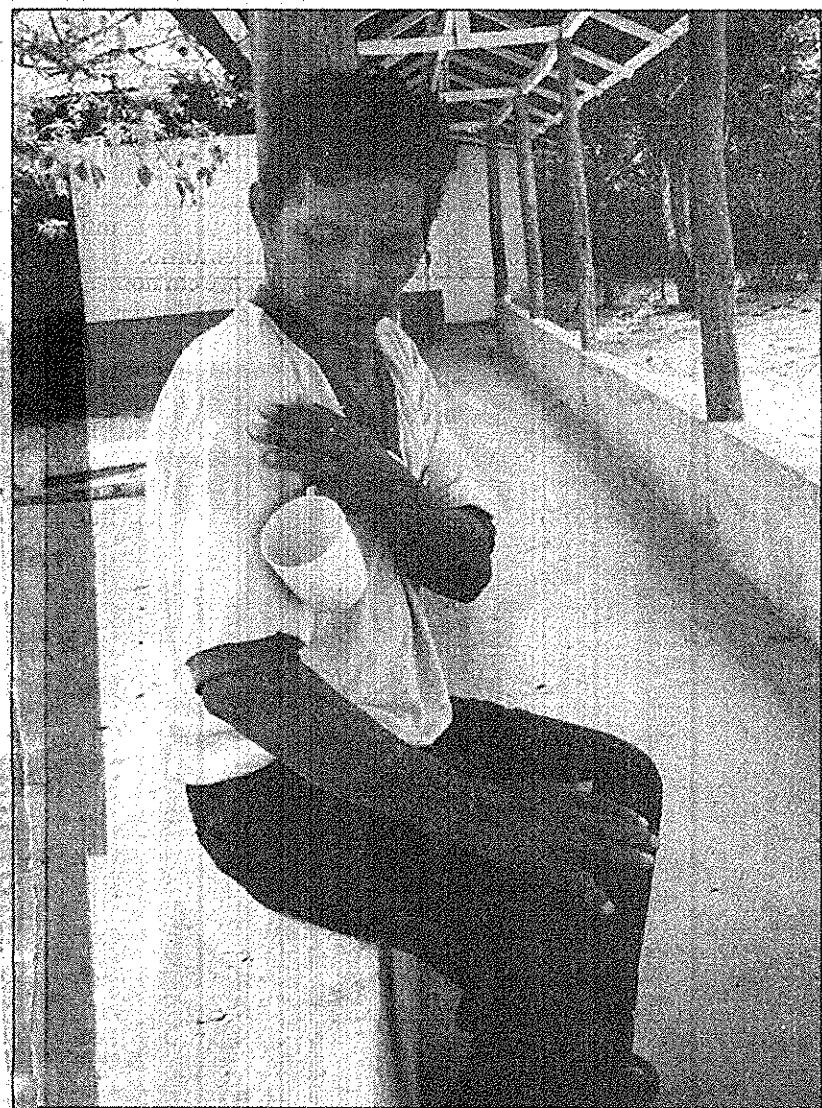
Há dois meses em Manaus esperando uma solução para o tratamento do filho Dizaumo, de um ano e seis meses, que tem lábio leporino, o casal Jorge Inácio Ticuna e Zelinda Ticuna não vêem a hora de voltar à aldeia Vila Betânia, em Santo Antônio do Içá (a 888 quilômetros de Manaus). A aflição é justificada. Lá ficaram outros cinco filhos menores do casal, sem ninguém para cuidar deles. "Nós não temos dinheiro e dependemos de tudo daqui. Estamos preocupados", explicou Jorge, dizendo ter perdido a paciência de tanto esperar pela cura do filho que até adoeceu da comida servida na casa. Na aldeia, a criança comia mingau e peixe assado, mas no alojamento come feijão e isso causou desarranjo ao intestino de toda a família.

A índia mura Mirlei Souza Figueiredo, 23, e a filha, Nelciene, 3, estão com malária. Junto, ela trouxe Elcimar, de seis meses. "A malária lá já pegou todo mundo", afirmou ela, enquanto banhava o menino nas águas de um riacho próximo à Casa do Índio.

Os índios deni têm problemas com a tuberculose, que é o caso de Cavalizar. Grávida de nove meses e prestes a dar à luz, ela não consegue comunicar-se com os brancos, e o marido Cevizari é quem traduz para o português os sintomas sentidos por ela. Outro deni com tuberculose é Kirira, que reclama da demora no tratamento, com duração prevista para seis meses. "Não dá para ficar aqui porque a comida é ruim", queixou-se.



AFLIÇÃO O casal ticuna Jorge e Zelinda, com o filho Dizaumo, quer voltar para a aldeia porque não aguenta mais esperar



PRÓSTATA Emílio Araújo diz que tem que esperar muitos meses por uma consulta

Consultas no SUS

O atendimento médico aos índios em Manaus depende das consultas no Sistema Único de Saúde (SUS) e, em alguns casos, como médicos urologistas, especialistas em próstata, a espera pode durar mais de três meses. A explicação é da assistente social Alice Alecrim, da Casa do Índio. Ela revelou que funcionários do local dão toda a assessoria aos índios, desde a marcação de consultas até o acompanhamento nas mesmas.

Segundo Alice, cinco índios com problemas na próstata aguardam para serem atendidos por um urologista. A espera é comum a todos os usuários do SUS porque há poucos médicos nessa especialidade e algumas consultas são marcadas previamente para até três meses depois. "Eles têm que esperar aqui porque alguns moram muito longe e seria difícil irem e voltar novamente", justificou ela.

A criança com lábio leporino foi encaminhada à Fundação Centro de Oncologia do Amazonas (FCEcon), onde existe um centro de atendimento cirúrgico para fazer a operação plástica reparadora. De acordo com Alice, o exame já foi feito e agora ela está aguardando uma data para marcar a

cirurgia, feita em Manaus. A fundação costuma dar prioridade aos índios, mas há situações em que a espera é inevitável.

A assistente social diz ter conseguido uma operação de transplante renal para uma paciente fora do Estado e está tentando conseguir a amputação da perna do índio ticuna Silvério Miguel, vítima de uma picada de cobra. "Quando ele chegou aqui a infecção tinha avançado muito e não havia mais o que fazer. Agora, estamos lutando para conseguir um hospital que possa fazer a amputação", explicou.

Alice reconhece que em alguns momentos há dificuldades para dar o atendimento necessário aos índios, mas diz que os funcionários da casa se desdobram, recorrendo, às vezes, até à iniciativa privada. Os índios, no entanto, reclamam sempre porque o ritmo do branco é diferente do deles. "Aqueles que dizem não ter recebido assistência são os que vão nos hospitais e não ficam internados. Eles não compreendem que podem ficar tomando remédio em casa."

No caso dos pacientes com tuberculose, têm que ficar, no mínimo, seis meses na casa porque a medicação deve ser feita rigorosamente na hora e, na aldeia, eles não terão como fazê-la.

TRANSFERÊNCIA

"ELES PRECISAM TER ALGUÉM QUE OS ENCAMINHE AOS MÉDICOS E LABORATÓRIOS"

BENEDITO RANGEL

Ida para a FNS preocupa

O administrador da Funai em Manaus, Benedito Rangel, é outro que revela preocupação com a transferência administrativa das Casas do Índio. Ele disse não haver ainda definição sobre a transferência para a Fundação Nacional de Saúde (FNS), mas a questão está sendo discutida em Brasília. Rangel informou que a transferência será traumática caso não inclua todo o processo administrativo mantido atualmente. "A Funai é a referência para os índios que vêm aqui buscar desde atendimento médico até fazer reclamações sobre problemas vividos nas aldeias. A transferência de administração tem que levar isso

Fuzivaldo Queiroz



RANGEL

Custo alto para manter a casa

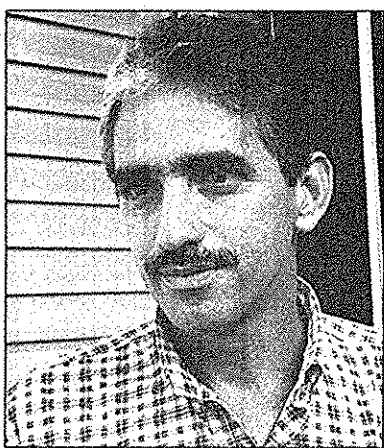
em conta", assegura Rangel. "Eles precisam ter alguém que os encaminhe aos médicos e laboratórios." Atualmente, o custo para manter a Casa do Índio em Manaus é de R\$ 30 mil mensais.

Apenas parte desse dinheiro vem do Governo Federal, sendo o restante obtido através de doações de alimentos e medicamentos junto a empresas e órgãos governamentais e não-governamentais. De janeiro a maio deste ano foram alojados na casa 519 índios e o número de consultas chegou a 1,07 mil, sendo 909 atendidos no SUS. Foram realizados 1,028 mil exames de laboratório, 251 exames com especialistas e 301 exames especializados em laboratórios.

NOVA DIREÇÃO

'Meu papel é administrar'

O novo administrador da Casa do Índio em Manaus, Mário Cavalcante, 42, vem com experiência na empresa privada para administrar a Casa do Índio. Há 10 dias na direção da casa, ele diz estar usando esses conhecimentos para superar as dificuldades financeiras do local. Ele diz não ter muito conhecimento na área, mas acha que isso não vai prejudicar o trabalho. "Meu papel é administrar e para isso fui colocado aqui. Os servidores da casa continuam a fazer o trabalho que sempre fizeram", justificou. Mário disse que a transferência para a FNS pode ser melhor se representar recursos para a unidade da Funai. Segundo ele, os gastos com alimentação são altos porque grande parte dos índios alojados ali vem apenas para acompanhar e alguns vêm com a família inteira, o que aumenta muito os custos. O administrador da Funai em Manaus, Benedito Rangel, justificou



USANDO CONHECIMENTOS PARA TENTAR SUPERAR A CRISE
MÁRIO CAVALCANTE

a indicação de Mário com o desejo de ter uma pessoa capaz de administrar e manter a casa diante das dificuldades financeiras. "A função dele é dar condições e meios

para que a casa funcione, administrar os bens e controlar o pessoal e, para isso, não precisa ser antropólogo", garantiu. Rangel afirma que a alta aos pacientes é decidida pelos médicos e que, dependendo da situação do paciente, às vezes ele dispensa um acompanhante para reduzir custos, mas não há uma determinação específica nesse sentido. "As vezes ele está com a família toda e a triagem é necessária", argumenta ele, explicando que alguns, após o término do tratamento, ficam em Manaus ocupando o leito que é necessário para outro índio. Do novo administrador, ele quer atitudes de busca de parcerias, desde contatos com órgãos governamentais, não-governamentais e convênios que ajudem o órgão a administrar a Casa do Índio. "Ele foi nomeado para isso porque para tratar com os índios temos os antropólogos e assistentes sociais", justificou Rangel.

Doentes vêm acompanhados

Dos 120 indígenas alojados na Casa do Índio, 60 são doentes e os demais são acompanhantes daqueles que vêm buscar atendimento médico. De acordo com a assistente social Alice Alecrim, esse é um costume difícil de ser modificado. "Os que vêm só, como o índio Joel Maioruna, são tristes e só falam em voltar para casa porque sofrem com o isolamento", explicou.

Maioruna é uma exceção e chora a falta dos parentes. O piratapua Emílio Araújo veio com a filha, que lhe faz companhia e o ajuda a comunicar-se. Jacinto da Cruz veio acompanhado de uma sobrinha e é outro a revelar tristeza com a necessidade de permanecer na Casa do Índio muitos dias. Ele só fala em voltar para casa.

Mirlei Figueiredo tem dois filhos e para tratar a menina Nelciene, com malária, teve que trazer o outro mais novo, Elcimar. "Não tinha com quem ficar e foi o jeito trazer". Mirlei não reclama de nada. Disse estar sendo bem atendida, mas só pensa quando voltar a Autazes (a 118 quilômetros de Manaus). "Lá tem muita malária e a qualquer hora teremos que voltar."

Coiab faz críticas

Enquanto critica o corte de verbas de manutenção das casas de assistência aos índios, a Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab) também quer discutir a forma como será feita a transferência dessas casas para a FNS. O vice-presidente da Coiab, Cláudio Pereira Mura, 50, questionou a indicação de uma pessoa não ligada à área para administrar a Casa do Índio em Manaus, que é Mário Cavalcante.

De acordo com ele, o temor da Coiab é que no percurso da transferência da área administrativa da justiça para a da saúde, os problemas atuais sejam agravados. "Sabemos que nas casas existentes em Manaus, Parintins, Borba, Tefé, Nova Olinda, Eirunepé e em Autazes faltam medicamentos e até alimentos para os índios e nos preocupamos que isso piore com a mudança", explicou.

Cláudio Mura quer que na transferência seja mantida a mesma estrutura de funcionários e sejam dados mais recursos. Para ele, é importante a FNS saber que

o índio não tem conhecimento para buscar o atendimento sozinho e esse trabalho é feito pelos servidores da Funai que atuam na Casa do Índio. "Alguns dos parentes não sabem nem falar o português direito e se não tiverem ajuda de outros não vão chegar ao médico."

O vice-presidente da Coiab lembra, ainda, que alguns hábitos mantidos pelos índios como o de levar parentes para acompanhá-los durante o tratamento em Manaus não podem ser mudados, fato que, segundo ele, vem acontecendo na nova administração. "Sozinho, o índio sofre muito e ele jamais poderá ficar sem ter um irmão, uma irmã ou a mulher junto dele", disse Cláudio.

O coordenador da FNS, médico Evandro Melo, está em Tabatinga, participando de um trabalho e não pôde falar à reportagem. O vice-presidente, que está em Manaus, Humberto Polari, não soube falar sobre como está o processo de transferência administrativa da casa para a fundação.